

Contraponto e polifonia

A música pensada enquanto fluxo no tempo pode ser imaginada metaforicamente enquanto uma intrincada rede de simultaneidades. A metáfora imagética/visual somada à metáfora tátil/textural é interessante. Nesse sentido, é possível pensar que a música tem sempre, ao menos, duas dimensões: a horizontal (do desdobramento no eixo do tempo pensado enquanto uma linha e que pode ser mais lenta ou mais rápida, mais densa ou mais rarefeita etc.) e a vertical (das simultaneidades e das relações entre os acontecimentos e que pode, igualmente, ser mais densa ou mais rarefeita – pode delinear diferentes distribuições no espaço). **Tudo isso pode ser visualizado numa partitura.** Nesse sentido tudo é textura e tudo é polifônico (em maior ou menor grau). Tradicionalmente, as texturas possíveis são aquelas conhecidas: monofonia, homofonia, melodia acompanhada, polifonia e heterofonia. Porém, pode-se dizer que se trata sempre de gradações. Pode-se falar de outras dimensões que se estabelecem na escuta: diagonais, transversais, emocionais. Quando escutamos temos a sensação de um fluxo sonoro que pode ser captado de várias maneiras. A textura, em grande parte das músicas (Mozart, Bossa Nova, Charles Mingus, Bach, Escola de Samba, Chopin, Cartola, Chorinho, Beatles) é uma consequência do processo composicional. Mas há compositores que tornam a textura o objetivo principal. Ver exemplos em Ligeti (10 peças para sopros, Lux Aeterna).

É possível pensar num sistema complexo multilinear. A escuta percebe, separa e cria (ou não) focos. Os compositores (ou os performers) enfatizam pontos, trabalham com densidades, espessuras velocidades, temporalidades, proeminências de linhas, pontos etc.

Metáfora da conversa ou do jogo.